

## Notas e Informações

# Frustração nacional

Conversando ao pé do rádio, o presidente da República deu a brasileiros e brasileiras notícias auspiciosas. "O bloco que anuncia a catástrofe vai perdendo o fôlego", disse s. exa., acrescentando que o desemprego está baixando cada vez mais. E como poderia ser diferente, há de indagar o contribuinte exaurido e ameaçado por novas investidas do leão, se o governo emprega tanto? São dezenas de milhares de *carteiras assinadas* pela Administração, para caracterizar uma orgia de gastos que consome boa parte da arrecadação orçamentária. A função pública, sob regime de contratação, tornou-se, aqui, uma espécie de seguro contra o desemprego — justiça seja feita, multiplicada em todos os níveis, federal, estadual e municipal. Por isso pouco sobra para investir. E como também não se investe no âmbito da iniciativa privada, por causa da inflação, que descapitaliza as empresas, e por causa das incertezas que cercam o dia de amanhã, como ocorre em qualquer economia instável, o País está parando, embora as conseqüências do marasmo em que mergulha não se façam assinalar de imediato. Serão sentidas, entretanto, a curto e a médio prazo.

"A taxa inflacionária está baixando", informou o sr. José Sarney, vangloriando-se de que os dados da Fipe para agosto, referentes à capital de São Paulo, revelam que a taxa de desvalorização monetária ficará apenas em 19,67%. É preciso indagar: será isso mesmo? Em seguida, torna-se indispensável lembrar que a opinião pública, na França, está revoltada: neste 1988, a inflação chegará aos 3%. Mas a França é um país sério. Para o presidente, a avassaladora desvalorização da moeda (495% nos últimos 12 meses) não tem a importância que lhe é atribuída, pois existe a indexação... Quer dizer, então, que ela poderá atingir os chifres da Lua e nada de pior acontecerá? O leitor esclarecido tem resposta pronta para a indagação formulada.

Há melhor, porém. "A crise brasileira é daqueles que desejam fazer política de terra arrasada", saibam os radiouvintes que sentem na carne as aflições do dia-a-dia. Infelizmente, essa crise resulta, pura e simplesmente, de várias gestões desastradas, em que o interesse coletivo foi sempre colocado em plano secundário pela politicagem reinante. A verdade porém, de que ninguém duvida, é esta: a pior, entre as gestões malsinadas é esta, iniciada a 15 de março de 1985. Fosse diferente, o governo teria a seu crédito gordos *ibopes* de popularidade: porque quando ele rende satisfatoriamente não se faz necessário que seus titulares o proclamem; o povo o reconhece assim e as pesquisas de opinião, invariavelmente, premiam presidente, ministros e demais responsáveis graduados pelos negócios do Estado com a demonstração de seu apreço.

O presidente da República lembrou que assistiu aos desfiles militares, dos quais participaram "soldados das três Forças que, na forma constitucional, garantem as instituições, a lei e a ordem". É o caso de agradecer a referência? A que foi devida, afinal? Houve vaias, nesses desfiles — fato raro, de resto. Quem apupou foi corrido à força.

Não, infelizmente o Brasil não é o país de céu cor-de-rosa de que se ouve falar nas alocações presidenciais. Por que tantos patricios querem de todos os modos demandar o Exterior? Aqui sempre se receberam imigrantes, de braços abertos. Nestes dias pressagos, são os brasileiros que querem sair. Se o sr. José Sarney soubesse das coisas e conhecesse a realidade, seguramente não imprimiria às conversas ao pé do rádio a nota de otimismo catita que gosta de dar-lhes.

O presidente quer passar à História como o grande benemérito do setor social. Com que títulos? É s. exa. que responde: "Quem recebe salário mínimo sabe que este governo foi aquele que aumentou todo mês o salário mínimo acima da inflação, que fundou

milhares de creches, que distribui milhares de litros de leite diariamente a crianças carentes, que criou o vale-transporte, o seguro-desemprego, a ajuda à alimentação, levantou a agricultura". Sem entrar em detalhes sobre o que seja levantar a agricultura, cabe recordar: foi o governo que pôs em execução o Plano Cruzado, que se entregou ao mais impiedoso empreguismo, que impôs ao Brasil a vergonha e os prejuízos da moratória da dívida externa, que *fabricou* um déficit público sem precedente, que acionou a maior inflação já registrada neste país; e que, por tudo isso e muito mais, que não caberia enumerar neste comentário, se cerca hoje de um desprestígio popular sem nome e sem medida.

Assim, quando o texto da *Conversa* que é objeto deste comentário reza que esse mesmo governo "não faz demagogia e não utiliza o poder senão em benefício do povo", é dever dos órgãos de comunicação de massa discordar frontalmente dessa singular visão da realidade, pois falta-lhe um único laivo de isenção. Ninguém é bom juiz de si mesmo; e quando o julgamento afronta os fatos e colide com a sentença lavrada pela opinião pública, ouvida por intermédio de *n* pesquisas, das mais variadas procedências, é de ver que não tem a seu favor um mínimo de credibilidade. Seria muito bom constatar o contrário e saudar uma gestão profícua, distinguida pela moralização dos costumes, pela eficiência, pelo respeito aos princípios de justiça distributiva, pela boa aplicação dos recursos do Erário, pelo zelo em favor da observância da lei, pela preservação da majestade da autoridade, que se deixaria enobrecida, ao fim do mandato de cinco anos.

Dito isto, nada mais será preciso dizer para exprimir que se chegará ao 15 de março de 1990 em clima da mais aguda frustração nacional, por um sem-número de sólidos motivos.